

Casas de Aprender: uma alternativa

(texto exploratório, em construção permanente)

Portugal aparece permanentemente nos últimos lugares nas comparações internacionais no que se refere a níveis culturais e de escolarização. O nosso atraso estrutural é uma pedra muito pesada que nos continua a puxar para o fundo. Os esforços realizados nos anos mais recentes não são suficientes e centram-se demasiado no aparelho administrativo do Estado. Portugal precisa de fazer um “esforço de guerra” para vencer as suas dificuldades de qualificação.

Este esforço só resultará em algo de positivo e visível se não se centrar no Estado, se mobilizar toda a sociedade. É preciso instituir um ambiente de liberdade na área da educação. Há imensos recursos nas mãos do Estado, muitos deles mal geridos, e existem recursos insondáveis repartidos pelos quatro cantos do país, vontades dormentes que se manifestarão ao mais pequeno sinal. Não há uma orientação estratégica e isso é que é paralisante.

Os recursos disponíveis localmente para a educação e a formação dos portugueses, independentemente da sua idade, estão habitualmente muito dispersos e desarticulados entre si, pois a sua origem é externa e departamental. É preciso juntar todos os recursos disponíveis para se aprender mais e melhor. Integração local é a palavra de ordem.

As soluções têm de ser muito legíveis. O acesso ao conhecimento tem de ser fácil e amigável, tem de se tornar útil e prático, tem de ajudar cada um a colocar-se numa rota de esforço pessoal e de investimento para que possa vir a obter resultados pessoais claros. Definido o modelo e as suas regras principais, a qualidade tem de se controlar a posteriori.

Casas de Aprender, o que são?

Uma Casa de Aprender é um local onde qualquer cidadão português pode aprender o que quiser, qualquer que seja a sua idade, qualquer que seja a sua formação de base, qualquer que seja a sua condição social e onde quer que viva.

Uma Casa de Aprender é uma manifestação concreta do apego dos portugueses à liberdade, não é um espaço estatal nem estatista cravado no tecido social local, de cima para baixo, de fora para dentro, da norma para a situação.

Uma Casa de Aprender é um ambiente cultural de trabalho e de alegria, porque não se aprende sem esforço pessoal e porque aprender, descobrir novos mundos, criar, pesquisar e descobrir, dominar símbolos, poder dizer o antes indizível e acrescentar invisível a este mundo, tudo isto é gratificante e fonte de alegria pessoal.

Uma Casa de Aprender nasce numa fábrica, numa junta de freguesia, numa biblioteca, numa escola, num jornal, numa associação cultural, numa associação humanitária de bombeiros, numa misericórdia, num museu, num centro de Internet, em locais simples, agradáveis, acolhedores, aproveitando-se para tal milhares de espaços já existentes e adaptáveis.

As autarquias locais devem ter um papel muito especial no lançamento e no acompanhamento das Casas de Aprender. Trata-se de um investimento infra-estrutural no conhecimento, exactamente aquela área onde somos mais débeis, a única infra-estrutura que torna os seres humanos verdadeiramente livres e inovadores.

Uma Casa de Aprender começa sempre por ser acolhimento e orientação. Por isso, esse é o seu primeiro e principal recurso: um/a orientador/a. É alguém que atende e situa, que dá o primeiro passo para uma nova relação pessoal com o conhecimento, que ajuda a identificar o ponto de partida, que reconhece e que valoriza, que sugere percursos e encaminha cada cidadão, que liga e vincula, que abre horizontes.

Existem Casas de Aprender abertas a todos os portugueses porque é sempre possível aprender, qualquer que seja o nível escolar ou social do aprendiz, desde que o ambiente seja estimulante para a aprendizagem. As Casas de Aprender vão ter com os cidadãos, sobretudo com aqueles que não sabem nem podem ir ter com as Casas de Aprender.

Uma Casa de Aprender é um espaço público onde se juntam e cruzam as gerações, onde mais novos podem ensinar mais velhos (ex. informática) e mais velhos podem ensinar mais novos (ex. matemática).

Uma Casa de Aprender é uma iniciativa de promoção da coesão social, de activação da cidadania individual e de incentivo à empregabilidade ao longo de toda a vida. Porque cidadania e empregabilidade são duas faces da mesma moeda.

Uma Casa de Aprender não é um espaço escolar nem escolarizado, mas um ambiente aberto de acolhimento, orientação e de oferta de formação, sob as mais variadas modalidades, mais atento ao desenvolvimento pessoal e às suas múltiplas formas do que à certificação, embora também a possa oferecer.

Uma Casa de Aprender tem sempre uma entidade titular local, qualquer que seja a sua natureza jurídica, que se responsabiliza pela sua criação e pelo seu desenvolvimento.

Os recursos

As Casas de Aprender podem existir em qualquer local onde houver condições para tal. As suas configurações podem e devem ser muito diversas. Tem de haver uma grande liberdade de iniciativa e de desenho, de outro modo é a morte da ideia. Nenhuma será igual a outra. Podem começar pela Internet ou pela formação de adultos (curso EFA, por exemplo), podem começar pelo voluntariado no ensino de qualquer conteúdo ou processo por parte de adultos disponíveis. Podem e devem começar lentamente a concentrar iniciativas de educação e de formação tipo Ciência Viva, Literacia Informática, Literacia alfabética, apoio ao Desenvolvimento Comunitário, criação do próprio negócio, etc. Pode e deve começar por ser um projecto livre e autónomo de formação, localmente concebido, em função de públicos concretos e específicos.

As Casas de Aprender devem poder contar com profissionais devidamente habilitados, para as dirigirem, e com voluntários para com elas cooperarem, o que requer um esforço muito grande de mobilização de vontades de jovens e de adultos para ensinar e para gerir.

As Casas de Aprender devem receber um inequívoco apoio local, de múltiplas entidades, que se deve traduzir, entre outras coisas, em:

- ceder instalações e adaptá-las, tendo sempre presente que nada começa grande;
- identificar, mobilizar e reunir voluntários locais, para ensinar e para gerir;
- suscitar de múltiplas formas a adesão da população, pelo exemplo, pela divulgação, pela informação, pela disponibilidade, levando as iniciativas junto das pessoas mais fragilizadas, em vez de ficar sentado à espera que elas venham aprender;
- meios físicos, humanos e financeiros (p. ex. bolsas de formação) para lançar e manter iniciativas de qualificação dos cidadãos;
- acarinhar o projecto por todos os meios locais possíveis, porque é um projecto de todos e para todos.

As Casas de Aprender deviam receber da parte do Estado:

- um reconhecimento oficial, mediante a definição prévia de um conjunto de requisitos genéricos;
- conteúdos em português na NET, para apoio a formação a distância e e-learning, a serem posteriormente desenvolvidos no local, com o apoio de monitores (a “telescola” para todos, no Sec. XXI);
- sistemas de reconhecimento, validação e certificação de saberes (desde a informática até ao português ou ao diploma do 9º ano);
- a afectação de recursos humanos disponíveis (ex. delegados concelhios de educação de adultos, professores), desde que devidamente formados para o efeito;
- meios financeiros disponíveis em programas de apoio à formação e qualificação das pessoas;
- um sistema muito bem organizado de acompanhamento e auditoria, apoios indispensáveis à melhoria da qualidade, ao benchmarking, à construção de redes de entre-ajuda.

As prioridades deveriam ser dadas, em termos de incentivo do Estado, às áreas mais pobres do país e onde é maior a degradação dos vínculos pessoais e sociais. Fora destes incentivos, as Casas de Aprender deveriam surgir onde houvesse iniciativa para tal. Deve ser claro, desde o início, que não há qualquer ligação entre aprender e ter acesso a um subsídio, entre abrir uma Casa de Aprender e ter acesso a um financiamento público estatal. Pode e deve haver Casas de Aprender a funcionar totalmente em regime de voluntariado.

A estratégia de lançamento

As Casas de Aprender deveriam começar aqui e ali, ora num bairro, ora numa empresa, ora numa autarquia, ora numa associação, ao longo de todo o país. Elas são uma dinâmica social, fruto da livre iniciativa dos cidadãos, não uma imposição estatal. Não devia haver uma colagem excessiva do projecto, que deve salvaguardar o seu vasto alcance social, com este ou aquele Programa.

O ideal seria contar com a cooperação de uma série de entidades, com destaque para autarquias municipais, empresas, IPSS, juntas de freguesia mais activas. O problema maior que se coloca é o de saber, caso não haja voluntários devidamente habilitados, como se financia (e quem) o técnico de acolhimento e orientação (o mínimo, em termos de pessoas, para uma Casa de Aprender arrancar).

O ou a técnica de acolhimento (uma espécie de “knowledge coaching”) , como se disse, constitui uma peça chave para o sucesso das Casas de Aprender, tal como aqui se desenham. A sua formação prévia, qualquer que seja a sua escolarização de partida, é imprescindível. Deve realizar-se mediante um caderno de encargos muito exigente, que compreenda requisitos de carácter e de atitude, muito para além das meras bases académicas. É a porta de entrada no país das Casas de Aprender, são estes técnicos que marcam, para o bem e para o mal.

Porto, Novembro de 2002.